

A história contada pelos Akuntsú: ocupação territorial e perdas populacionais

The story told by Akuntsú: territorial occupation and population decline

Carolina Coelho Aragon¹
<https://orcid.org/0000-0002-8271-6584>

Altair Algayer²
<https://orcid.org/0000-0002-8267-7650>

DOI: 10.26512/rbla.v12i1.29633

Recebido em fevereiro/2020 e aceito em julho/2020

Resumo

Este artigo descreve o histórico de ocupação territorial e as perdas populacionais relatadas pelos monolíngues Akuntsú. Um povo que sofreu inúmeras perseguições e testemunharam a morte de seus parentes com a chegada das frentes de expansão nacional no estado de Rondônia. Hoje vivem em relativa proteção, devido ao contato feito pela Funai em 1995, quando, então, com suas terras interditadas, conseguiram dar continuidade aos processos culturais e atividades cotidianas. Consideramos, assim, neste artigo, relatos de diferentes histórias contadas, principalmente, pelos integrantes mais velhos do grupo: Konibú, já falecido, e sua esposa Pugapia. Atualmente, o povo está reduzido a três pessoas, as quais são memórias vivas de uma história de massacre, perseguições e fugas que aconteceram no estado de Rondônia nas décadas de 80 e 90.

Palavras-chave: Etnolinguística. Território. História. Akuntsú.

Abstract

This article describes the history of territorial occupation and the population losses reported by the monolingual Akuntsú. A people who suffered numerous persecutions and witnessed the death of their relatives which occurred with the arrival of national expansion fronts in the state of Rondônia. Today they are protected by Funai who made the first contact with them in 1995, when they were able to continue their cultural processes and daily activities. Thus, in this article, we bring different stories told by the older members of the

1 Doutora em Linguística pela Universidade do Havá. E-mail: carolinac.aragon@gmail.com

2 Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Guaporé, Fundação Nacional do Índio. E-mail: altair.algayer@gmail.com

group: Konibú, who already passed away, and his wife Pugapia. Today, the group is reduced to only three people, who are living memories of a history of massacre, persecution, and escape that took place in the state of Rondônia in the 1980s and 1990s.

Keywords: Ethnolinguistics. Territory. History. Akuntsú.

1. Introdução

O povo Akuntsú está hoje reduzido a apenas três mulheres, Pugapia, Aiga e Babawru, todas monolíngues, que ainda mantêm consolidadas suas formas de organização social e suas atividades coletivas com alto grau de autonomia em relação ao Estado e à sociedade brasileira³. Esta definição os encaixa dentro da classificação oficial de Povos de Recente Contato. São falantes da língua Akuntsú, pertencente à família linguística Tuparí, Tronco Tupí. Vivem na Terra Indígena Rio Omerê, no estado de Rondônia. Dividem este território com três indígenas Kanoé do Omerê⁴, os quais são culturalmente e linguisticamente diferentes do povo Akuntsú. Tanto os Kanoé do Omerê quanto os Akuntsú foram contatados pela Funai em 1995. Nessa época, os Akuntsú já estavam reduzidos a sete membros: três mulheres - Ururu, Pugapia e Aiga -, dois homens - Konibú e Pupák - e duas meninas - Babawro e Babakop. Os Kanoé do Omerê, por sua vez, totalizavam quatro pessoas: três mulheres - Tutuá, Txinamãty e Ajmoró - e um homem - Operá (Purá). Atualmente, são apenas três: Txinamãty, Operá (Purá) e Bukwá (que nasceu após o contato).

Quanto ao período histórico de ocupação não-indígena das regiões próximas que viviam os Akuntsú, ressaltamos o período da exploração da borracha. No séc. XVIII, o rio Guaporé é apontado como importante via de ligação fluvial entre Vila Bela (Mato Grosso) e Belém (Pará), local de muito comércio e exploração de minérios. Segundo relatos históricos desse período, portugueses e espanhóis disputavam o domínio do Guaporé, tentando controlar a maior parte dos grupos indígenas que se encontravam nas proximidades. Porém, pode-se afirmar que o grande impacto físico e cultural sofridos pelos indígenas dessa região ocorreu com o início da extração da borracha, na passagem do século XIX para o século XX, quando começou o ciclo da borracha na região do Guaporé, o qual teve dois momentos distintos. O primeiro ocorreu no final da década de 90, no chamado “boom” da produção da borracha. O segundo, em 1942, aproximadamente, motivado pela Segunda Guerra Mundial, com o crescente aumento de demandas pela indústria bélica. Segundo Fonseca & Teixeira (2003), este aumento de

3 Definição criada pela Coordenação Geral de Índios Isolados e Recém-Contatados - CGIIRC/FUNAI.

4 Fazemos referência aos Kanoé do Omerê para diferenciar dos Kanoé do Vale do Guaporé que já não falam mais a língua Kanoé e possuem um histórico de contato diferenciado dos Kanoé do Omerê, como relataremos brevemente neste artigo.

produção e extração incentivou a expansão seringalista e motivou a vinda de pessoas de várias partes do Brasil, aumentando consideravelmente a exploração no vale do Madeira e seus afluentes: rios Machado, Mamoré, Guaporé e Jamari.

O desmatamento da área situada entre o alto rio Omerê e o rio Trincheira começou a intensificar-se no início da década de 70⁵ com os projetos de colonização. Em 1972, com o incentivo do Governo, o Incra, por meio do Projeto Corumbiara, iniciava a distribuição e liberação de lotes, concretizando, desta forma, o PIN – Plano de Integração Nacional. Em 1976, o Incra foi notificado sobre vestígios da presença de indígenas na região. Regionais comunicavam a Funai sobre a presença de índios isolados nos arredores do rio Corumbiara. Nos relatórios da Funai da época, narra-se que um dos regionais chegou a atirar com espingarda, o que fez com que os indígenas corressem. Mesmo com informações recebidas sobre vestígios indígenas, o Incra liberou os lotes e o desmatamento começou a ser ainda mais devastador. Conforme informações colhidas com os Akuntsú e os conhecimentos sobre os rios da região, pode-se supor que os Akuntsú viveram durante muito tempo à margem direita do Omerê, em um extenso território próximo ao rio Corumbiara, como iremos descrever na próxima seção.

Assim, buscamos, neste trabalho, relatar a expulsão dos Akuntsú de seu território tradicional em direção às margens do Omerê, relacionando as narrativas contadas com os dados históricos disponíveis. Descrevemos os relatos do povo Akuntsú desde sua fuga do território original até o primeiro contato da Funai com os Kanoé do Omerê e os Akuntsú em 1995. Em seguida, associamos a história dos Akuntsú com as do Kanoé do Omerê, retratando o encontro desses dois grupos.

2. Relatos do povo Akuntsú

Em 1996, no encontro com Passaká (etnia Mekéns - *Sak̄rabiat*), Konibú conta suas histórias de fuga, documentadas pelo cinegrafista e indigenista Vincent Carelli. Passaká traduz que foi na região do *Yk̄ytxaro* que os Akuntsú “começaram a ouvir a derrubada” e depois “mudaram para a maloca do rio *Yk̄ytar̄j̄*”. Essas histórias se integram com outras nas quais Aragon e Algayer conversam com os Akuntsú sobre a localização das antigas malocas, sobre os rios e seus afluentes. Konibú conta que o *Yk̄ytar̄j̄* é afluente do *Yk̄ytxaro*. A foz do *Yk̄ytxaro* deságua no *Pedya* ‘piranha’ (rio Corumbiara). Konibú afirma que moraram por muito tempo nas proximidades destes rios: *Yk̄ytar̄j̄* e *Yk̄ytxaro*.

5 Foi nesse período que a cidade de Vilhena começou a se formar - nas proximidades do Igarapé Pires de Sá, em decorrência da construção da BR 364 (antiga BR 29) e de um campo de aviação com pista asfaltada; ao seu redor, residências e comércios começaram a ser construídos.

Tinham algumas malocas, umas mais próximas do *Ykɣtxaro* e outras mais acima no *Ykɣtarẽj*; a plantação era vasta e falam bastante do cultivo de milho, de banana, de amendoim, de cará, de fumo e de algodão. Porém, tudo acabou com a chegada dos “brancos”, como afirmam. Tudo indica que um dos massacres tenha se iniciado na região do *Ykɣtarẽj*. Sofreram inúmeros ataques e tanto *Pupák* quanto *Konibú* carregavam as cicatrizes de ferimentos provocados por arma de fogo. Quando chegaram às margens do Rio Corumbiara, os Akuntsú relatam que viram muitos, muitos “brancos” e “caminho de avião” – já existiam pistas de pouso na área; com muito temor da situação, foram em direção ao rio *Omerê*, refugiando-se, por fim, às suas margens (Aragon 2010/2011). Observe abaixo uma das narrações de *Konibú*:

- (1) tʃarap ki bedia pokeren [...]

arraia líquido Bedia enganchar

'Txarap (rio das arraias) emborca com o Bedia (Corumbiara) [...]'
- (2) tʃarap ki=pe pit-ka

arraia líquido=LOC buraco-TR

'no rio Txarap fizeram buracos (atiraram)'
- (3) iki tʃaro=pe pit-ka kawra=pe pit-ka ni

rio amarelo=LOC buraco-TR Kawra=LOC buraco-TR ?

'No rio Amarelo atiraram, no Kawra atiraram'
- (4) iki tʃaro potʃi keren iki tarẽj [...]

rio amarelo pouco entrar rio mole

'O rio Amarelo entra pouco no rio Mole [...]'
- (5) paera ki iki tʃaro pokeren

Paera rio rio amarelo enganchar

'O rio Paera emborca com o rio Amarelo'
- (6) kawra pokeren kʷitap ki ẽ: tʃo kʷitap ki [...]

Kawra enganchar quati líquido IDEO IDEO quati líquido

'O Kawra emborca com o Kwitap, cresce, o rio Kwitap [...]'
- (7) bew nom tʃop bedia ape nom

sumir não ver Bedia caminho não

'Sumiu, não vejo o caminho do Corumbiara, não'
- (8) tʃo kawra ẽ kawra pokeren tʃarap ki kawra pokeren i=tʃo-a on kom

IDEO Kawra IDEO Kawra enganchar Arraia líquido Kawra enganchar 3s= ver-VT 1s PROJ

'Cresce o Kawra, Kawra emborca com o Rio das Arraias, emborca com o Kawra, esse vou ver⁶'
- (9) kʷai Tʃaruj wip-ka kawra pokeren kʷai [...]

pedra Tʃaruj escorregar-TR Kawra enganchar pedra

'(No Rio) Kwai, Txaruj nasceu, Kawra emborca com o Kwai [...]'

6 Ao falar em ir “ver”, ele quer dizer que pode nos mostrar o caminho para este rio. Ele apenas oferece nos acompanhar até os rios que ficam dentro da mata e se recusa a ir até os espaços desmatados.

Nota-se no mapa acima que os rios nomeados por *Moë*, *Kwato*, *Kawra*, *Kwitap* e *Txarap* são todos da bacia do igarapé Patuá. O *Txarap* e mais acima o *Kawra* são do médio curso do igarapé Patuá e os outros, seus afluentes. Algayer e Konibú andaram até os afluentes (*Moë* e *Kwato*), identificando-os. Assim, Algayer pôde constatar que os mesmos se juntam (engancham, conforme explica Konibú) com o *Kawra*. Essas informações foram cruciais para iniciar o mapeamento dos rios acima, seguindo as narrativas dos Akuntsú⁷.

Observe que tanto o *Moë* quanto o *Kwato* localizam-se no interior da TI Rio Omerê. Já o *Yktxaro*, *Yeko* e *Paera* pertencem à bacia do rio Cauba. O *Yktxarêj* é o que hoje chamamos de rio Trincheira. Entende-se, assim, que o limite do território tradicional dos Akuntsú vai desde a margem direita do rio Omerê até a margem esquerda do rio Trincheira, englobando as cabeceiras do rio Tanaru (afluente do rio Machado)⁸. As roças especificadas no mapa 01 foram identificadas por Algayer, junto com o Pupák e o Konibú; todas são datadas após o ano de 1985/1986. Entendemos que ao viverem por anos às margens do *Yktxaro* e do *Yktxarêj*, os Akuntsú foram brutalmente expulsos dessa região, muito provavelmente em 1985, buscando refúgio nas terras altas do Omerê.

De acordo com documentos da Funai e relatos do indigenista Marcelo dos Santos em 1985, equipe da Funai, liderada por Santos, esteve na fazenda Yvypitã (a qual engloba as bacias dos rios Patuá, Cauba e Trincheira) e lá constatou a presença de diferentes vestígios que foram destruídos antes da chegada do indigenista na área, como malocas e roças, principalmente, de cará, milho, algodão, amendoim e fumo. Um ano antes, no início da exploração de madeiras nesta mesma área, estradas foram abertas em meio a floresta, cruzando para a margem direita do rio Omerê. Nesse mesmo ano (setembro de 1984), a Funai obteve informações de conflitos entre indígenas e madeireiros - indígenas haviam sido atacados por um trator de esteira que entrou nas suas roças. Com isso, os indígenas revidaram disparando flechas contra os tratores.

Em abril de 1986, foi publicado no Diário Oficial uma Portaria de Interdição de cerca de 63.900 hectares incidentes em terras ocupadas pelas fazendas Yvypitã e Guarajús (fazenda limítrofe da Yvypitã). Mesmo assim, o desmatamento na região da fazenda Yvypitã se intensificou. Meses depois, a Funai percorre,

7 Não é tão simples ligar as coordenadas dos rios dadas pelos Akuntsú com o que se conhece hoje da hidrografia da região, uma vez que as direções que se referem estão todas ligadas à natureza, como por exemplo, falam que para chegar até o *Yktxaro* deve-se seguir o noroeste da sua aldeia, andar bastante até encontrar muitas castanheiras. Hoje essas castanheiras já desapareceram e o pasto é a única paisagem no campo de visão.

8 Importante ressaltar que essa identificação está relacionada às memórias dos Akuntsú sobreviventes e que é muito possível que outros grupos Akuntsú possam ter ocupado outras regiões (além das aqui mencionadas), já que, antes do nascimento de Konibú e Pugapia, outros massacres e/ou epidemias podem ter dividido grupos que não resistiram ou, mesmo, se juntaram a outros.

novamente, essa região e encontra apenas vestígios dos indígenas de um ano antes. Desta forma, com a falta recente de comprovação da presença dos indígenas no local, a área que englobava a fazenda Yvypitã foi desinterditada pelo Governo em dezembro de 1986 (Valadão 1986). Nessa época, pelos relatos dos Akuntsú, eles já haviam se refugiado às margens do Omerê.

Os Akuntsú relatam as histórias sobre as perdas populacionais. Em um desses relatos, falam dos parentes mais próximos que foram mortos pelos “brancos”. Babawru sempre fica ouvindo as histórias, pois não conheceu nenhuma dessas pessoas, já que nasceu após o massacre em uma das cabeceiras do rio Omerê. Algumas dessas pessoas são: Kwajnu, Kwakwá, Punumã, Akaraniga, Pajnima, Batxe, Apajpi, Kyptxiri, Batxu, dentre outras pessoas que foram embora e nunca mais voltaram quando ainda moravam próximos ao *ykytxaro*. Contam sobre o Pupák, sua esposa Batxu e seus dois filhos: Akaraniga e Pajnima (muito pequenos, um ainda mamava). A esposa dele estava grávida do terceiro quando todos foram mortos a tiro. Relatam que escutaram muitos tiros, correram bastante até cansar; contam como o “coração doía” ao ouvir tantos tiros e tampavam o ouvido com força. Depois, explicam: “os brancos deixaram tudo limpo, acabou tudo”. Pugapia relata a quantidade de filhos que tinha/tem, fala em um homem e duas mulheres (contando com Aiga e Babawru). Kyptxiri era o filho mais novo, pois, na época, tinha apenas Aiga e ele - quando foi morto, ele já sabia flechar.

Aiga relata que seu avô era o Kwajnu (pai da Pugapia e Pupák) e conta que morreu novo, ainda cheirava muito rapé. A avó Kwakwá (mãe da Pugapia e Pupák, irmã de Konibú e Ururu) morreu também, restando de mulher apenas Ururu (sua tia). Antes da mudança para o Omerê, Aiga não era casada e não tinha filhos. Só quando já estavam refugiados à margem do Omerê que nasceu sua primeira filha, Babakop. Após o contato, em 1995, teve ainda uma outra gestação, mas a criança morreu logo após o nascimento.

Numa época mais distante que essa, os Akuntsú mais velhos, como Pugapia, contam ainda sobre Jãku e Ebadxure (pais de Konibú, Ururu e Kwakwá) que morreram de alguma doença. Nesta época, Konibú era casado com outra mulher e Ururu era casada com Ipuanã, porém, depois que esse sumiu, o marido de sua irmã Kwakwá, pegou-a para esposa - não explicam exatamente o motivo desse desaparecimento - acreditamos que isso possa ter ocorrido na época que os seringueiros começaram a dominar a região. Era muito comum o envolvimento de indígenas no trabalho dos seringais por meio da escravização e violência. Ururu menciona duas filhas mulheres: Batxe e Apara Batxu. Konibú, que era casado também, depois que sua esposa se foi, “pegou” a Pugapia (sua sobrinha) para ser sua nova companheira. Pugapia teve apenas um marido: Konibú.

Percebe-se que a população Akuntsú já era bastante reduzida quando Pugapia era mais nova (hoje ela é o membro mais velho do grupo). Isso nos faz refletir que antes dela, muitos se foram por diferentes causas e que, provavelmente,

tiveram fortes reduções populacionais com a expansão dos seringais. Veja abaixo a tabela com informações sobre alguns dos integrantes Akuntsú, os que são mais citados e que aparecem na maior parte das histórias relatadas, totalizando 20 pessoas:

Tabela 01: Integrantes Akuntsú

Nomes	Gênero	Idade	Observações
+Jākun	Homem	Adulto	Pai de Konibú, Kwakwá e Ururu, casado com Ebadxure. Morte de causa natural.
+Ebadxure	Mulher	Adulto	Mãe de Konibú, Kwakwá e Ururu. Morte de causa natural.
+ Ipuanã	Homem	Adulto	Marido da Ururu. Foi embora e não tiveram mais notícias.
+Batxu	Mulher	Adulto	No momento, sem relação de parentesco determinada. Morte causada por arma de fogo.
+Apara Batxu	Mulher	Adulto	Filha da Ururu. Morte causada por arma de fogo.
+Kwajnu	Homem	Adulto	Pai da Pugapia e Pupák, casado com Kwakwá. Mais tarde, casou-se com Ururu também. Morte causada por arma de fogo.
+Kwakwá	Mulher	Adulto	Mãe de Pugapia e Pupák. Morte causada por arma de fogo.
+Punumã	Homem	Adulto	É mencionado nas histórias, mas sem parentesco determinado. Morte causada por arma de fogo.
+Akaraniga	Homem	Criança	Filho de Pupák com Batxe. Morte causada por arma de fogo.
+Pajnima	Homem	Criança	Filho de Pupák com Batxe. Morte causada por arma de fogo.
+Batxe	Mulher	Adulto	Esposa de Pupák. Filha da Ururu. Morte causada por arma de fogo.
+Apajpi	Homem	Adulto	Sem relação de parentesco determinada. Morte causada por arma de fogo.
+Kyptxiri	Homem	Criança	Filho mais novo da Pugapia. Morte causada por arma de fogo.

+Babakop	Mulher	Criança	Filha da Aiga. Nasceu próxima às bacias do Rio Omerê. Morte causada por queda de árvore durante uma tempestade no ano de 2000.
+Ururu	Mulher	Adulto	Irmã de Konibú; tia de Pupák e Pugapia. Faleceu em outubro de 2009. Chamada de mãe por Pupák.
+Konibú	Homem	Adulto	Marido da Pugapia. Pai da Aiga e Babawru. Pajé e cacique. Faleceu em maio de 2016.
+Pupák	Homem	Adulto	Irmão da Pugapia. Faleceu em agosto de 2017.
Pugapia	Mulher	Adulto	Mãe da Aiga e Babawru.
Aiga	Mulher	Adulto	Filha da Pugapia.
Babawru	Mulher	Adulto	Filha da Pugapia.

3. O contato entre Akuntsú e Kanoé

Na década de 30 e 40, seringueiros construíram um barracão para extração de borracha e caucho na foz do rio Verde (com o rio Corumbiara). A exploração ocorreu ao longo desse rio até as suas cabeceiras, indo em direção ao rio Tanaru. Alguns anos depois, os seringueiros contataram os Kanoé, na margem direita do rio Tanaru⁹ que, na época, tinham relações com os indígenas do rio Pimenta Bueno.

Quanto às referências documentadas na época, ressaltamos os trabalhos de Maldi (1984, 1991). Ela destaca o contato da Comissão Rondon com os Kanoé, quando iniciaram suas expedições na região dos rios Pimenta Bueno e Corumbiara. Afirma ainda que em 1943, os indígenas foram deslocados para o Posto Indígena Ricardo Franco (TI Guaporé) para suprir as baixas de trabalhadores. Na época, a perda populacional Kanoé foi tão drástica, que a autora afirma que quase chegaram à extinção.

Segundo os relatos do Sr. Monuzinho Kanoé¹⁰, conseguimos descrever alguns outros detalhes. Ele afirma que os “brancos”, vindo do rio Verde (afluente do rio Corumbiara), conseguiram atrair os Kanoé com a ajuda de outros povos indígenas (Kampé e Mekéns), levando-os até o rio Pimenta Bueno,

9 No mapa de Becker-Donner (1955), os Kanoé foram localizados à margem direita do rio Corumbiara e nas cabeceiras do rio Tanaru.

10 Intérprete Kanoé que, após o contato, passou a auxiliar os trabalhos da Funai junto aos Kanoé do Omerê.

onde mais tarde foi criado o Posto Indígena Pedro de Toledo, conhecido como Cascata. Neste posto viviam várias etnias, como os Salamã, Aikanã, Kanoé, Makuráp (recém-contatados), Ajuru, Jabuti, entre outros que trabalhavam para os seringueiros (muitos morreram devido a fortes epidemias). Anos depois, este posto foi desativado. Em seguida, devido à política do Estado, os indígenas foram transferidos para o Posto Indígena Ricardo Franco, passando pelo Barranco Alto (na foz do rio Verde com o Corumbiara - cinco dias de caminhada, aproximadamente), cruzando, desta forma, o rio Omerê. Porém, conforme relatos, alguns Kanoé ficaram para trás, como acreditamos ser o caso dos Kanoé do Omerê, os quais, durante esse percurso, se instalaram na região esquerda do rio Omerê.

Sobre o encontro com os Akuntsú, com base em Algayer (2017), os Kanoé relatam que viram pela primeira vez os vestígios dos Akuntsú na margem esquerda do rio Omerê. Com isso, as mulheres Kanoé - Txinamanty, Owaimoró e Iamõj - foram em busca dos vestígios até encontrar a roça e a aldeia de Konibú. Porém, ao avistá-los, não fizeram contato, já que estavam com medo - relatam que escutaram o choro das crianças Akuntsú. Neste primeiro momento, os Kanoé apenas observavam os Akuntsú e aproveitavam para pegar comida da roça deles. Certo dia, Konibú viu a Txinamanty e a Owaimoró, mas elas gritaram e fizeram Konibú correr. Mencionam que depois de ter feito a roça e a colheita, os Akuntsú voltaram novamente para a margem direita do rio Omerê (uma das razões que motivaram esse retorno foi o constante roubo dos alimentos das roças que cultivavam). Algayer acredita que esse primeiro contato entre Akuntsú e Kanoé tenha ocorrido em 1990/1991.

Em seguida, os Kanoé foram em busca dos Akuntsú e os encontraram do outro lado do pasto - à margem direita do Omerê. Resolveram, então, ficar próximos dos Akuntsú. Assim, começaram a trocar muitos artefatos e conhecimentos, como panela de alumínio, que os Akuntsú não tinham, chapéu de palha confeccionado pela Txiramanty, a arte de tocar flautas (que Konibú ensinou para o Purá) e o processo de pajelança (que Konibú passou para Txiramanty). Com relação ao contato com os Kanoé, Konibú sempre mencionava a força de pajé da Txiramanty - conta sobre as pajelanças feitas em sua filha mais nova, Babawru. Porém, com o passar do tempo, brigas e desentendimentos ocorreram e os Kanoé se distanciaram dos Akuntsú. Em 1996, os Kanoé foram morar novamente no lado esquerdo do Omerê.

O contato da Funai com os Kanoé aconteceu apenas em setembro de 1995, conforme relatório de Santos & Algayer (1995):

Encontramos dois índios na maloca, um homem de aproximadamente 20 anos e uma mulher de 25. Apesar de estarem visivelmente assustados com nossa presença, foram muito gentis e generosos, nos oferecendo banquetas para sentarmos e mamões para comer (...) os

dois índios falavam apenas sua própria língua, ininteligíveis para nós, vestidos com bermudas confeccionadas com restos de sacaria plástica de semente de capim e costurados com grossos fios de tucum.

Em outubro de 1995, a apenas dez quilômetros da aldeia dos Kanoé e com a ajuda deles foi contatado parte dos Akuntsú. Posteriormente foram contatados os demais membros do grupo. Meses depois do contato, Konibú, o cacique e pajé do grupo, desceu poucas vezes para o acampamento da Funai¹¹, e sempre sem a companhia das mulheres, as quais eram vistas somente quando funcionários da Funai se deslocavam até a aldeia:

As mulheres andam totalmente despidas e usam os cabelos curtos, quase raspados... e um colar formado por três conchas de rio amarradas ao redor do pescoço, idêntico aos colares usados pelas mulheres fotografadas por Lévi-Strauss no rio Pimenta Bueno. (Valadão 1995).

Apenas com o passar dos anos que as mulheres começaram a frequentar a Base de Proteção da Funai, sempre acompanhadas por Konibú. Hoje, após a morte dos homens do grupo, vivem permanentemente numa casa construída em frente a Base de Proteção.

4. Considerações Finais

Neste trabalho buscamos identificar o território ocupado pelos Akuntsú antes da fuga para as áreas do rio Omerê, bem como o impacto direto da colonização da região em suas vidas. Descrevemos também a história contada pelos Akuntsú sobre os parentes que foram mortos quando moravam nos arredores do rio Trincheira. Além disso, pudemos relacionar parte dos acontecimentos vividos pelos Akuntsú com os relatos dos Kanoé e o processo histórico de expansão não-indígena na região.

Por fim, destacamos que o povo Akuntsú, quando moravam nas proximidades do rio Trincheira e Cauba, já estavam bastante reduzidos, devido às consequências do seringalismo e, posteriormente, ao processo de colonização da região que culminou na expansão da extração de madeira e da produção agropecuária.

¹¹ Desde o início do contato já era visível para a equipe da Funai os conflitos existentes entre os Kanoé e os Akuntsú. Mesmo após seis meses do contato, os Akuntsú ainda não tinham visitado o acampamento da Funai devido aos conflitos com os Kanoé que, na época, tinham uma aldeia que se localizava entre o acampamento da Funai e a aldeia Akuntsú, e, assim, interceptavam a passagem dos Akuntsú. Dessa forma, os Akuntsú passaram a visitar o acampamento apenas quando a Funai abriu uma nova picada para a aldeia deles. (Algayer & Santos 1996)

Fato é que os Akuntsú viviam num território muito amplo entre o rio Trincheira e o Omerê, indo até as margens das cabeceiras do rio Tanaru, na região conhecida como Vale do Guaporé. Expulsos de suas terras, passaram a se esconder na região do rio Omerê quando, então, os sobreviventes encontraram pela primeira vez com os Kanoé e foram, anos depois, contatados pela Funai, onde vivem até hoje.

Contudo, deixamos claro que este não é um relato completo do processo de fuga dos Akuntsú e nem de seu histórico de ocupação tradicional e mudanças territoriais, já que não tivemos a chance de conhecer os membros mais antigos para que a história fosse descrita com maiores detalhes.

Referências

- Algayer, Altair. 2017. *Relatório de Informações Purá Kanoé*. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- Algayer, Altair e Marcelo dos Santos. 1996. *Relatório das atividades desenvolvidas na Frente de Contato Omerê*. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- Aragon, Carolina. 2010/2011. *Relatório Linguístico*. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- Becker-Donner, Etta. 1955. Notizen über einige Stämme an den rechten Zuflüssen des Rio Guaporé. *Archiv für Völkerkunde*, v. 10, p. 275-343.
- Fonseca, Dante Ribeiro da e Marcos Antônio Domingues Teixeira. 2003. *História Regional (Rondônia)*. Porto Velho, Rondônia.
- Maldi, Denise. 1991. *O complexo cultural do Marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do Médio Guaporé*. Boletim do MPEG, Antropologia, Belém, 7 (2): 209-69.
- Maldi, Denise. 1984. *Populações indígenas e a ocupação histórica de Rondônia*. Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso.
- Santos, Marcelo. 1986. *Relatório técnico*. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- Santos, Marcelo e Altair Algayer. 1995. *Índios Isolados do Vale do Corumbiara. Relatório Técnico*. Fundação Nacional do Índio, Brasília. Ms.
- Valadão, Virgínia. 1986. *Relatório de avaliação: Área Indígena Igarapé Omerê*. Fundação Nacional do Índio. Ms.
- Valadão, Virgínia. 1995. *Relatório Antropológico 2*. Fundação Nacional do Índio. Ms.